

**A PAULISTA
NÃO
TERMINA
NA
CONSOLAÇÃO**

**A PAULISTA
NÃO
TERMINA
NA
CONSOLAÇÃO**
LEO GAEDE

© Leonardo Gaede, 2023

EDIÇÃO
Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

CAPA
Maria Alice Sá

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecário responsável: Henrique Ramos Baldisserotto - CRB 10/2737

G127p Gaede, Leo
A Paulista não termina na Consolação / Leo Gaede. –
1. ed. - Curitiba, PR: Telaranha, 2023.

96 p.

ISBN 978-65-997172-6-0

1. Poesia Brasileira I. Título.

CDD: 869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura Brasileira 869.91

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Desembargador Westphalen, 15 - Cj. 1701
Centro - Curitiba/PR - 80010-110
41 3246-9525 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
2023

para JBPG
minha companheira
na avenida da vida

formiga enxerga tudo gigante

Arnaldo Antunes

APRESENTAÇÃO

LEONARDO GANDOLFI

Boas-vindas a Leo Gaede

1. Multidões de turistas a pé olham a paisagem, tiram fotos, enquanto consultam as páginas de seu guia turístico. Nesse futuro, os celulares entraram em extinção. As máquinas fotográficas são só máquinas fotográficas. E o mapa, que cada turista leva consigo, é feito de papel e está encartado no guia que – tal qual num passado longínquo – tem a forma de um livro. Nesse futuro, talvez nem haja Avenida Paulista, mas apenas escombros do que ela foi. E mato. A natureza voltou a ocupar seu lugar. Mesmo assim, as pessoas querem conhecer o local onde um dia foi a avenida mais famosa dessa terra que antigamente era conhecida como Brasil.

2. Em meados do século XIX, em Paris, Charles Baudelaire escreveu o mais famoso dos poemas sobre se deslocar na cidade. Na verdade, tudo aquilo que se conhece como vida moderna está cristalizado nesse poema que se chama “A uma passante”. Uma multidão, duas pessoas que se cruzam para nunca mais se verem, o efêmero e o eterno de uma só vez, encontro e desencontro: “você que eu teria amado”. Uma cidade, uma legião dentro de um poema.

3. Brincadeira à parte com a ficção científica, *A Paulista não termina na Consolação* é um livro para caminharmos com ele na mão. Quem quiser checar um a um os números dos lugares por onde o livro passa pode ficar à vontade. Mas eu o vejo como um livro para caminharmos com ele não porque precise da grande avenida de companhia. Este livro até pode funcionar como legenda para a rua. Mas acho que ele rende bem mais do que isso. O mundo todo cabe nele não porque o mundo todo cabe na Avenida Paulista, mas porque a Avenida Paulista cabe num livro, aliás, outros lugares também cabem neste livro. Pouca gente sabe, mas alguns livros de poemas podem fazer isso.

4. Leo Gaede criou uma caixa de ressonância que organiza sem retirar a força caótica de Babel. Ao contrário, o poeta, ao organizar, intensifica Babel e seu barulho. Passados quase duzentos anos de “A uma passante” de Baudelaire, não dá mais para dois olhares apenas se perderem. Trata-se de um coral de vozes em desencontro, que estranhamente criam outra harmonia, outra música, música de ruídos e bytes. Os olhares não correm mais o risco de se perder uns dos outros, já que não correm o risco nem de se encontrar. Cabeça baixa, olhamos para a tela do celular. Quer dizer, não mais, porque senão passa alguém de bicicleta e, com razão, leva nosso celular.

5. O livro pode ser lido como um grande poema em série que vai do número 7 até o 2584. São os números dos prédios, mas antes são os números dos poemas, os números do nosso percurso esburacado. De contínua só tem a avenida, o resto é eclipse: partes que faltam, mas só porque faltam é que se fazem visíveis e inteligíveis. De reta só tem a avenida, o resto é curva e ziguezague, é música. Quem é que fala nos poemas? Todo mundo. As buzinas, a *long neck*, o meio-fio e o que mais soubermos ouvir.

6. A velha piada diz que a Paulista começa no Paraíso e termina na Consolação. Neste livro, estamos todos indo para o bar Estadão, lá num dos centros da cidade. Já é madrugada. Quem comer carne vai pedir o sanduíche de pernil. Quem não comer vai pedir amendoim ou outra coisa. O certo é que cada um vai pedir a primeira cerveja do

resto da nossa noite. E vamos brindar. Não o fim do mundo, mas o fim de outro mês, com as contas pagas ou não pagas.

7. Agora, de volta para o futuro de seis parágrafos acima. Se aproximarmos bem nossa lente na direção dos turistas, se aproximarmos bem nossa lente na direção do livro que eles levam nas mãos, veremos que os mapas são poemas. No futuro, os turistas vão conhecer o que foi a Avenida Paulista por meio das páginas de um livro, digo, de um livro de poemas. E cada poema vai ocupar o lugar de cada um dos prédios, de cada uma das construções, de cada uma das pessoas, de cada um dos corações, então desaparecidos.

Leonardo Gandolfi, poeta e professor de Literatura na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), é autor de, entre outros livros, *Robinson Crusoé e seus amigos* (2021).

PERCURSO

dedic, 07	
queen elizabeth, 21	
casa das rosas, 37	
japan house, 52	
arcadia, 66	
sesc paulista, 119	
itaú cultural, 149	
dom pedro I de alcântara, 171	
hospital santa catarina, 200	
ribeirão preto, 266	
santa catarina, 283	
josé martins borges, 302	
maria josé, 326	
tuiuti, 347	
instituto pasteur, 393	
olivetti, 453	
pedro biagi, 460	
santa emília, 491	
patrimônio paulista, 509	
barão de ouro branco, 575	
nações unidas, 620	
palácio 5ª avenida, 726	
club homs, 735	
viking, 777	
savoy, 800	
sir winston churchill, 807	



gazeta, 900
gazeta, 900 (cine reserva)
torre paulista, 949
paulicéia, 960
são miguel, 967
paulista mil, 1000
numa de oliveira, 1009
saint honorè, 1195
milan, 1207
shopping cidade são paulo, 1230
asahi, 1274
fiesp, 1313
paulista I, 1337
brazilian financial center, 1374
banco do brasil estilo, 1500
dumont-adams, 1510
masp, 1578
grande avenida, 1754
parque avenida, 1776
banco central do brasil, 1804
cetenco plaza, 1842
sul-americano, 1948
barão do amparo, 2006
conjunto nacional, 2073
safra, 2150
meliá paulista, 2181
três marias, 2239
são luís gonzaga, 2378
bela paulista, 2421
ims, 2424
anchieta, 2584

prédios derrubados
aos montes
o charme aniquilado

estão acabando
com as pontes
para o passado

me vem antônio maria
na cabeça:
um gordo de trabalho
e boemia

pernambucano
que nasceu bacana
viveu coitado
morreu como os grandes
desgraçado

alguém que se foi
antes do cuco

virou entulho
pele
orelhas
olheiras
barriga de chope

tudo empilhado
numa caçamba
passando pela avenida
de garupa no caminhão
na contramão
da vida

queen elizabeth, 21

queria conhecer a rainha
assistir a um jogo do everton
em algum sofá confortável
de buckingham

discutir hooliganismo
tomar gin na xícara real
experimentar chapéus
tirar uma selfie e postar

depois emprestaria
a capa da invisibilidade
e levaria ela pra passear
por camden
sem se preocupar

perguntaria se *god save the queen*
foi encomendada por ela
ou pela EMI
escutaríamos the clash no talo
vestindo roupões de seda

mais tarde perguntaria
por que os londrinos são tão pontuais
e ela responderia:

*em londres os pubs fecham cedo
por isso ladies and lads
começam a beber cedo
por começarem a beber cedo
todos desmaiam cedo nos sofás
e por desmaiarem cedo nos sofás
acordam cedo pra trabalhar*

e arremataria:

*é meu caro
o tempo é um revólver*

casa das rosas, 37

quero as orelhas dos jumentos
grandes e pontudas
a velocidade dos cavalos
que fogem a galope

das zebras quero a elegância
e a dúvida de ser
branco com listras pretas
ou preto com listras brancas

das rosas quero os espinhos
mas acima de tudo quero
a resistência dos burros
para atravessar este sertão de certezas

japan house, 52

ter coragem pra sonhar
desembarcar em osaka
num grande pássaro de papel

irasshaimase
irasshaimase
irasshaimase
vão nos receber

como se o japão
fosse uma pequena ilha
no meio de um centro
comercial

sonhos
casca-
teando
pelas
prate-
leiras

mergulho
nas delicadezas
da infância

mamãe dizendo:
pode escolher
na volta a gente pega

pedra na tesoura – quebra
tesoura no papel – corta
papel na pedra – embrulha

arcadia, 66

será que o arquiteto
desse prédio
pensou na portela
para escolher suas cores?

a pintura velha-
guarda
um charme

cardume de bambas

paulo
candeia
chico santana
argemiro
monarco
e casquinha

saltam da parede
de alguma maneira

meus olhos paulistanos
desfilam por madureira

sesc paulista, 119

quem disse
que só no rio de janeiro
o pôr do sol
é valorizado

em são paulo
o pôr do sol
não merece tantos aplausos
(fato)

mas é a partir dele
que a noite cai
maquiando tudo
que o dia escancara

acendem-se as luzes
a cidade se monta
está pronta
pra desfilar

charmosa me chama
saio de mãos dadas
sem medo de me queimar
só a madrugada nos derrete